

ERRATA-02

ALICE REY COLAÇO

Oriunda de uma das famílias lisboetas culturalmente mais importantes do início do século XX, Alice Rey Colaço, nascida em 1890, teve acesso a uma educação e formação privilegiada no campo das artes e das letras. Neta de Madame Kiersinger, que organizava um salão literário em Berlim, filha do pianista e compositor Alexandre Rey Colaço e de Alice Schimdt Lafourcade, que educariam as quatro irmãs entre várias línguas, Alice Rey Colaço desde cedo frequentou diferentes eventos culturais, recitais, peças de teatro e saraus.

No virar do século, seguindo os passos de dois dos seus professores, Columbano Bordalo Pinheiro e Carlos Reis, Alice Rey Colaço decide prosseguir os seus estudos em Paris. Passaria também algum tempo em Berlim, antes de regressar a Portugal, em 1913, onde participa em várias exposições coletivas, nomeadamente no Salão da *Ilustração Portuguesa* em parceria com a sua amiga Mily Possoz [ver ERRATA-14]. Apesar de nunca ter apresentado o seu trabalho individualmente, repete a experiência expositiva com Mily em 1919, desta vez no Porto (*Mily Possoz. Alice Rey Colaço. Pintura, Ilustração e Desenho*), no seguimento da *II Exposição dos Modernistas* na qual também tinham participado.

Em 1918, Alice Rey Colaço inicia-se no desenho de capas e na ilustração, colaborando com vários escritores e dramaturgos. A ligação ao teatro, pela proximidade da sua irmã, a atriz Amélia Rey Colaço e o legado da sua infância, é visível não só no extraordinário desenho das capas de textos dramáticos como *Os Lobos*, *Os Cegos* e *Zilda*, mas também no trabalho de cenografia e nos figurinos que realiza para peças como *Os Cegos*, *Zilda* e *Sonho de uma Noite de Verão*, para a qual Alice criou o figurino usado pela irmã, Amélia.

Em 1922, Alice Rey Colaço desenha a capa e o interior do livro *João Pateta*, conto popular na versão de Adolfo Coelho. Esta capa é um exemplo claro de que o trabalho de Alice, assim como o de muitas artistas suas contemporâneas, não era apenas um trabalho de ilustração. Pela forma como a tipografia do título está integrada no desenho, pela clara combinação dos dois elementos, pressupõe-se que Alice Rey Colaço tenha sido responsável pelo arranjo total da capa.

As cenas do quotidiano português citadino e modernista, bem como do Portugal rural, recorrentes nos desenhos de Alice Rey Colaço, chamaram a atenção do Estado Novo que os utilizou numa série de postais com fins propagandísticos.

Embora notável, a sua carreira nas artes plásticas é curta, termina em 1924, ano em que se casa. Nos oito anos seguintes, nascem os seus quatro filhos. Após este interregno, Alice Rey Colaço volta ao teatro, dedicando-se ao canto lírico até à sua morte, em 1979.

Olinda Martins, 2021

ERRATA-03

SARAH AFFONSO

“Sarah Affonso foi uma resiliente”, disse-nos a historiadora de arte Emília Ferreira, no episódio 6 do podcast da *Errata*. Confrontada com vários contratemplos familiares, perturbada por uma insegurança profissional, pelo facto de nunca ter tido uma encomenda oficial, e com muita dificuldade em vender o seu trabalho, Sarah resistiu e encontrou diversas formas de trabalhar e expandir a sua prática.

Sarah Affonso nasceu em Lisboa, a 13 de Maio de 1899, no seio de uma família privilegiada.

Viveu grande parte da sua vida adulta em Lisboa. Os onze anos que passou no Minho, particularmente em Viana do Castelo para onde a família se mudou quando Sarah tinha apenas 4 anos, tiveram um grande impacto na construção da sua sensibilidade artística. Sarah Affonso viveu duas temporadas em Paris, frequentando ateliers de artistas e museus, chegando a participar no *Salon d’Automne* com o quadro *Meninas*. Regressou a Portugal aquando da morte da mãe. De volta a Lisboa, chocou a sociedade portuguesa ao frequentar o café *A Brasileira*, na altura reservado apenas a homens. No ano de 1925, desenhou os livros *Mariazinha em África* e *Novas Aventuras de Mariazinha* para a autora Fernanda de Castro. Estes livros tiveram grande sucesso de vendas e são, ainda hoje, referências na história da ilustração portuguesa. Apesar do êxito, Sarah Affonso não viria a estar envolvida em muitos outros projetos editoriais. Em 1927, foi responsável pelo livro da peça infantil *S. João subiu ao trono*, do escritor Carlos Amaro. Depois de uma grande pausa, em 1958, Sarah Affonso volta a ser convidada para desenhar um livro, desta vez pela autora Sophia de Mello Breyner Andresen: o lindíssimo e icónico *A Menina do Mar*.

Em 1933, Sarah Affonso casa com o artista Almada Negreiros. A exigente tarefa de ajudar Almada a gerir a sua carreira e as necessidades de uma família em crescimento forçam-na a voltar a sua atenção para o lar, como disse a Maria José Almada Negreiros “uma das razões porque deixei de pintar, foi porque não tinha condições, não tinha um quarto para mim”. Dedicou a sua energia criativa aos bordados, prática iniciada em 1927 juntamente com o *tricot*. Embora trate estas práticas com a seriedade de um projeto artístico, não é bem recebida pela crítica e pelo mercado. Sem grandes encomendas, teve dificuldade em consolidar a carreira. O facto de ser associada na altura e lembrada depois como a mulher do grande ícone, não a terá ajudado no reconhecimento dos seus méritos artísticos.

Sarah Affonso morreu em 1983. Na comemoração dos 120 anos do seu nascimento, o Museu Nacional de Arte Contemporânea e o Museu Calouste Gulbenkian conceberam duas exposições em paralelo para trazer a público a sua obra: *Sarah Affonso e a Arte Popular do Minho* e *Sarah Affonso. Os dias das pequenas coisas*.

Isabel Duarte, 2021